

MOBY DICK

Herman Melville



Adaptação de Geraldine McCaughrean

Ilustrações de Victor G. Ambrus

Tradução de Luísa Baêta

ea
editora ática

Título original: *Moby Dick*
Título da edição brasileira: *Moby Dick*
Text © Geraldine McCaughrean, 1996
Illustrations © Victor Ambrus, 1996

This translation of *Moby Dick*, originally published in English in 1996, is published by arrangement with Oxford University Press.

Esta tradução de *Moby Dick*, originalmente editado em inglês em 1996, é publicada mediante acordo com a Oxford University Press.

Edição brasileira

Diretor editorial	Fernando Paixão
Editora	Gabriela Dias
Editor assistente	Fabricio Waltrick
Redação e produção editorial	Pólen Editorial (coord. Lizandra Magon de Almeida)
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisoras	Luciana Paixão, Vivian Matsushita e Ana Luiza Couto
ARTE	
Projeto gráfico e diagramação	Marcos Lisboa
Editora	Cintia Maria da Silva
Ilustração do mapa	Claudio Chiyo
Editoração eletrônica	Pólen Editorial
Pesquisa iconográfica	Sílvio Kligin (coord.) e Claudia Berto

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M429m

McCaughrean, Geraldine, 1951-
Moby Dick / Geraldine McCaughrean ; tradução de Luísa
Baêta ; ilustrações Victor G. Ambrus. - São Paulo : Ática, 2006
144p. : il. - (O Tesouro dos Clássicos Juvenis)

Adaptação de: *Moby Dick* / Herman Melville
Contém suplemento de leitura
ISBN 978-85-08-10427-7

I. Literatura infantojuvenil. I. Melville, Herman, 1819-
-1891. II. Baêta, Luísa. III. Ambrus, Victor G., 1935-. IV. Título.
V. Série.

06-2127.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 10427-7 (aluno)
ISBN 978 85 08 10428-4 (professor)

2013

1ª edição

6ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2006
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br
www.atica.com.br – www.atica.com.br/educacional

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



SUMÁRIO

Apresentação	5
1. O arpoador tatuado	9
2. O dobrão de ouro	23
3. Os demônios de Ahab	33
4. O <i>Kraken</i> aparece	43
5. Pip pula	54
6. Âmbar-gris	68
7. A canoa de Queequeg	80
8. Maus presságios	89
9. Infeliz <i>Raquel</i>	103
10. Moby Dick	111
11. No terceiro dia ele ressurgirá	122
Epílogo	134
Por trás da história	137

APRESENTAÇÃO

O mar profundo e a profunda obsessão

Ana Maria Machado

Talvez a primeira coisa que um leitor de Moby Dick hoje deva levar em consideração é que no século XIX os homens pensavam em baleias de forma muito diferente de nós. Na época em que se passa esta história, ainda não se utilizava o petróleo. A energia elétrica não havia sido descoberta. Banha de baleia era combustível para lampiões que iluminavam casas e cidades. Esse óleo também era usado como argamassa, para ligar as pedras empregadas na construção civil. Caçar baleias era uma atividade arriscada e perigosa, de grande importância econômica. Por outro lado, como essa pesca era artesanal em vez de industrial — como a que se faz hoje em dia —, não era predatória nem ameaçava a espécie. São lembretes importantes para evitarmos ler um livro do século XIX com um olhar do século XXI. Muitas coisas mudaram.

Mas apesar dessas circunstâncias diferentes, não mudou nada do que é mais importante nesse livro, desde que foi publicado pela primeira vez em 1851. Mesmo numa adaptação — sobretudo quando é bem-feita como esta —, sua força é irresistível e comovedora. O leitor aos poucos se vê envolvido por essa intensidade e entende porque tantos escritores são fãs entusiasmados de Herman Melville e seu Moby Dick, e porque o livro é considerado uma obra-prima, fundadora da literatura norte-americana.

É impressionante, antes de mais nada, como um estudo sobre a obsessão — acompanhando seu herói/vilão. Um capitão de navio com a ideia fixa de ajustar contas com a grande baleia branca que um dia o deixou

sem uma perna. Nessa perseguição implacável, num padrão de desafio jamais igualado, fica evidente outro aspecto fascinante do livro: o profundo conhecimento que o autor tinha daquilo que estava descrevendo e narrando. Há muitos livros sobre o mar, vários deles excelentes. Poucos, porém, revelam tanta intimidade com esse universo, tanta observação realista de detalhes, tanta capacidade de recriar o cenário marítimo em seus aspectos mais variados. É que Melville foi marinheiro, passou grande parte de sua vida a bordo de navios e sabia do que estava falando. Trabalhou até mesmo numa baleeira, que zarpou de Nantucket em 1841, quando ele tinha 22 anos. Desertou, viveu numa ilha do Pacífico com uma tribo de canibais, foi resgatado, chefiou um motim a bordo e continuou viajando pelo mar. Vários de seus personagens e histórias recontam essas experiências — mas sempre com um olhar sobre seu sentido profundo, um exame dos valores éticos confrontados em qualquer situação.

Isso não bastaria, porém, para fazer de *Moby Dick* o livro extraordinário que é. Acontece que Melville também era um grande leitor e escrevia como poucos. Assim numa adaptação, a gente apenas desconfia que o livro volta e meia dialoga com grandes clássicos — sobretudo a Bíblia, a Odisseia, obras de Shakespeare. Um dia, mais adiante, numa leitura da versão integral, essa descoberta poderá ser uma explosão reveladora. De qualquer modo, a força das palavras de Melville é intensa, e esta versão permite perceber isso. Até porque a tradução cuidadosa de Luísa Baêta realizou uma proeza: mesmo se a palavra baleia em português é feminina, o texto traduzido consegue que não se perca algo fundamental do original, deixando evidente que o enfrentamento entre Ahab e Moby Dick trata do confronto entre dois machos poderosos, e não há oposição entre “ele” e “ela”, mas entre “ele” e “ele”, duas forças igualmente viris, feitas de instinto e racionalidade. Dois adversários à altura um do outro, ambos de dimensões simbólicas. Talvez ambos existam dentro de cada um de

nós, alternando-se e se completando com outras porções femininas mais delicadas.

É um belíssimo livro, escrito com incomparável fôlego narrativo. Conta uma história empolgante que às vezes se tingem de desespero como um pesadelo. Ficará com o leitor para sempre. Fará pensar e trará recordações quando menos se espera. É uma dessas obras que deixam marcas — como marcados ficaram todos os que tiveram contato com o próprio Moby Dick.



Canadá

Boston

Nantucket

Nova York

Filadélfia

Baltimore

Washington DC

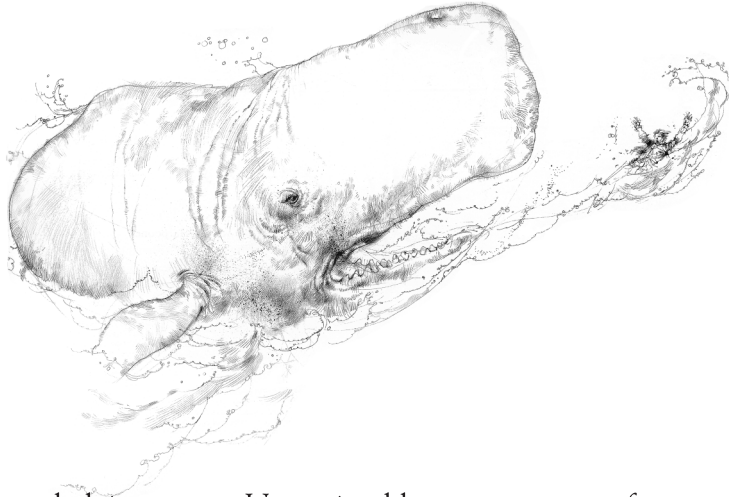
Estados Unidos

Oceano Atlântico

A rota do Pequod



O arpoador tatuado



Há uma baleia no mar. Um animal branco como um fantasma, e ele me assombra. Me assombra em noites de inverno, quando o céu desaba como um mar cinzento, e rajadas de neve se debruçam sobre mim. Me assombra no verão, quando o sol a pino torna a grama verde como o mar, e as flores de amendoeira se derramam brancas sobre a minha cabeça.

Às vezes, quando estou flutuando em meu sono, como um marinheiro afogado, o animal nada em minha direção — um pesadelo todo branco, de mandíbulas abertas, e eu acordo gritando e molhado de água salgada de suor. Em algum lugar nas profundezas dos oceanos vive Moby Dick, um grande inverno branco de baleia, e eu ainda tremo ao pensar nele. Mesmo no verão.

Pode me chamar de Ismael. Este pode ser o meu nome. Mas também pode não ser. Na minha parte do mundo, devota e frequentadora da igreja, é comum para os pais darem nomes bíblicos aos filhos. Talvez os meus tenham dado. Um homem, porém, sempre pode escolher outro nome, mais tarde na vida, que combine com sua natureza e experiência. Eu me





chamo de Ismael, como aquele desprezado filho de Abraão, expulso para os lugares selvagens do mundo. Ele pode ter vivido separado de outros homens, mas Deus estava com ele no deserto mesmo assim, e ouviu quando ele chorou. *Deus ouve*. Esse é o significado de Ismael. Um homem pode ter um nome pior. “Ahab”, por exemplo.

Aquele Ismael, da Bíblia, galopou pelo mundo afora e nunca pensou em se fixar em lugar algum. Eu sou assim. Acho que foi por isso que, finalmente, coloquei na cabeça que ia caçar baleias. Cinco vezes fui ao mar

com a marinha mercante e então, para variar, resolvi caçar baleias. Foi quando enfiei duas camisas numa maleta e parti para Nantucket, porque é para lá que você vai quando quer encontrar um navio de caça à baleia.

Estava tarde e amargamente frio quando cheguei, e o escuro era tão denso que eu mal conseguia ver onde estava indo. O rangido de uma tabuleta me guiou para a porta de uma hospedaria caindo aos pedaços — O Espiráculo¹. Escritas a mão em letras pretas sobre a verga estavam as palavras: *Senhorio: Peter Coffin*. (Um supersticioso poderia ter encarado isso como mau agouro, mas um homem não tem culpa de seu sobrenome, tem?²). Entrei:

— Tem uma cama para esta noite?

— Se você não se importar em dividir com um arpoador — disse Peter Coffin, com um sorriso, e os outros em volta enfiaram as caras na cerveja ou me olharam de rabo de olho, e deram risos abafados.

Mesmo nunca tendo caçado baleias, eu sabia o suficiente sobre arpoadores. Eles geralmente são homens bastante grandes, pouco inclinados a usar camisas de prega ou sobrecasacas, ou a tomar chá com as damas. Eu estava nervoso, não posso negar.

— Qual deles? — perguntei, olhando ao redor do bar. — Talvez seja bom dar uma olhada antes de entrar debaixo de um cobertor com ele.

— Ainda não voltou. Ele saiu por aí tentando vender uma cabeça — disse o senhorio, polindo uma caneca de cerveja.

1. Espiráculo é o orifício da baleia por onde sai o jorro de água resultante de sua respiração.

2. *Coffin* significa caixão, em inglês.

Achei que devia ser o começo de alguma piada:

— Ah, é?

— É. Já vendeu as outras quatro, mas está tentando se livrar da quinta... Ele pode ser um canibal, mas paga à vista. Não julgo um homem além desse ponto.

Era tarde e eu estava cansado demais para essas besteiras, então fui me deitar. Mas ao tirar as roupas e me esgueirar sob as cobertas quentinhas, estava me sentindo cada vez mais nervoso ao pensar em quem entraria pela porta e deitaria ao meu lado. Um louco, pelo que parecia. Vendendo uma cabeça, pois sim!

Ao lado da cama estava apoiado o arpão do homem — uma lança de metal oco com várias rebarbas ferozes na ponta. Eu não sou nenhum fracote, mas para mim teria sido difícil até erguer o arpão, quanto mais lançá-lo em uma baleia em movimento. Quando estava adormecendo, ouvi passos na escada.

“Melhor fingir que estou dormindo”, pensei.

Foi entre os cílios de olhos entreabertos que vi Queequeg pela primeira vez.

Em uma mão ele segurava um *tomahawk* indígena — uma machadinha de aspecto feroz — e na outra uma cabeça humana encolhida.

Seu próprio rosto era quase tão feio quanto o da cabeça que segurava, pois era tatuado com espirais púrpuras e quadrados pretos, e tinha um único cacho de cabelo enrolado como um redemoinho no centro de sua testa. Quando tirou a roupa, vi que seu corpo também era estampado de roxo e preto, enquanto tatuagens de sapos verdes seguiam em colunas subindo e descendo por suas pernas.



Tirou um pequeno objeto de uma bolsa de couro — à primeira vista pensei que fosse um bebê humano, mas era a escultura em madeira de um homenzinho corcunda e de cócoras. Apoiando a escultura no chão, começou a rezar para ela, seus lábios se movendo em um cântico silencioso, sua respiração vaporosa no ar frio.

“Que pagão! Rezando para um ídolo esculpido!”, pensei, moralista e arrogante como uma solteirona na escola de catecismo.

Então, de repente, Queequeg soprou e apagou a lamparina, deixando o quarto mergulhado na escuridão, e pulou na cama bem em cima de mim.

— Aaaah! — eu gritei, rolando com força contra a parede.

— Quem taí? — Suas mãos enormes começaram a me apalpar como um pianista cego explorando as teclas de um piano. — Quem você? Que faz na minha cama?

— Coffin! *Coffin!* — eu gritei.

— Falar ou eu matar você!

— PETER COFFIN!

O senhorio entrou esbaforido no quarto, pensando se tratar de um incêndio ou de um fantasma. Seu candeeiro nos cobriu de uma luz amarela.